

1 b 21

Bibliotheca

Lamego

S



N.º -

L3  
a  
25

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

1890

CHICAGO, ILL.

PRINCETON, N.J.

1890

PRINCETON, N.J.

1890

CHICAGO, ILL.

1890

CHICAGO, ILL.

1890

CHICAGO, ILL.

1890

CHICAGO, ILL.

1890

CHICAGO, ILL.

1890

1

21172

L3  
22



ELOGIO HISTORICO  
DO  
SERENISSIMO SENHOR INFANTE

D. PEDRO CARLOS DE BURBON E BRAGANÇA,  
ALMIRANTE GENERAL DA ARMADA REAL PORTUGUEZA.

COMPOSTO, E DEDICADO

A O

PRINCIPE N. S.  
O  
SENHOR DOM JOÃO,  
PRINCIPE REGENTE  
DE  
PORTUGAL E DAS CONQUISTAS,

POR

JOAQUIM DA NOBREGA CÃO D' ABOIM,  
*Prelado Patriarchal, e Decano da Capela Real do Rio  
de Janeiro.*

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS



Impresso na mesma Capital d'America

NO ANNO DE CID DCCC XIII.

NA IMPRESSÃO REGIA.

*Por Ordem de S. A. R.*

1

EL OGLIO HISTORICO

SERENISSIMO SENHOR INFANTE

D. PEDRO CARLOS DE BURGON E BRAGAÇA,  
ALMIRANTE GERAL DA ARMADA REAL PORTUGUEZA.

COMPOSTO, E DEDICADO

PRINCIPLE N. S.

SENHOR DOM JOÃO,

PRINCIPLE REGENTE

PORTUGAL E DAS CONQUISTAS.

FORAM DA NOBREZA CÃO D. ABOIM,  
Mestre da Real Armada, e Mestre da Real Armada,  
de Portugal.

TRADUÇÃO DE PEDRO DE ALMEIDA



Impresso na Officina da Typographia Nacional

NO ANNO DE CIO MCCCLXIII.

NA IMPRESSÃO REGIA.

Por Ordem de S. M. R.

224



*A* Lingoagem, que sahe do coração deve ser aquella, que só agrade a hum Soberano. Que ella seja mui pompoza, e ornada, que appareça mui abundante em conceitos, e sentenças, energica em frases, e expressões, poderá sim, lizongear-lhe os ouvidos, e afagar-lhe as potencias d'Alma, mas nuuca lhe tocará o coração, a quem só a verdade, liza, pura, e sincera, cobre com o seu imperio, agrada, e convence. Nesta certeza, e prevenido destes principios tenho a honra de pôr na presença Augusta de V. A. R. o Elogio Historico de seu Sobrinho o Serenissimo Senhor Infante D. Pedro Carlos de Burbon e Bragança, que honrando com Seu berço a Hespanha, veio a ser as Delicias de Portugal na sua Educação, Mocidade, e Thalamo. Mas que menos se podia esperar, depois de ser o Senhor Infante recebido neste Reino pela mais virtuozza de todas as Testas Coroadas, a quem huma Probidade deciziva, e nunca assaz admirada conduzio a entregar o Augusto Neto a V. A. R., para que educando-o V. A. R. a Seu Arbitrio, o constituísse hum depozito inefavel das Suas proprias virtudes, hum Cofre, e hum The-



souro das Suas mesmas Maximas, Politica, e Religião? Isto foi o que se observou no acanhado espaço, que sobre a terra nós viveo o Senhor Infante: Tendo a V. A. R. não só por Seu Mestre, mas por Seu Exemplar, e Singular Prototipo, parecia que estudava em V. A. R., como em seu Livro vivo, as virtudes da Alma para se ornar com ellas, os dotes do Coração para se enobrecer, e athe as maneiras e gestos corporaes para os seguir. Quando nos revezes da vida ( incidentes infalíveis em todo o vivente ) havia instante em que o assombrasse a afflicção, o desprazer, ou a agonia ( assim se costumava explicar S. A. S. ) buscava a occasião de ganhar a Presença de V. A. R., e para logo, como em brilhante horizonte, lhe raiava do Semblante Augusto de V. A. R., athe se lhe communicar ao coração, o sócego d'aquella Alma, a paz e tranquillidade infalivel no seu espirito. Estas expressões, Senhor, não são vozes aerias, a quem só o caprixo e a adulação dem existencia, são verdades puras, que muitas vezes tive a honra de ouvir e admirar em S. A. S. Digne-se pois V. A. R. acolher a Si esta cur-

ta producção de hum talento fraco , que sendo de si insignificante , dá-lhe todo o valor a importancia do objecto , e sobre tudo a Dignação Altissima com que V. A. R. me permittio a Sua offerta.

Viva-nos V. A. R. tantos e tão felices annos que só na vida de V. A. R. e de SUA AUGUSTA MÃI se abranjão as epochas de muitos Soberanos antecedentes : e a Seus Augustos Pés prostrado e reverente

Beija a Soberana Mão de V. A. R.

o menor , mas o mais submisso ,  
cordial , fiel vassallo e capellão

Monsenhor Nobrega.



229

O Serenissimo Senhor Infante D. Pedro Carlos de Burbon e Bragança, Filho do Serenissimo Senhor Infante de Hespanha D. Gabriel, e da Serenissima Senhora Infanta de Portugal D. Mariana, nasceu em Madrid a 18 de Junho de 1787. Unidos seus Pais pelo vinculo do Santo matrimonio em 13 de Maio de 1785, derão no seu consorcio o mais heroico exemplo do extremo, a que póde chegar o amor conjugal, quando he contrahido e continuado no Santo temor de Deos. Estava porém destinado no Livro fexado a sete sellos, que o termo deste exemplar consorcio fosse mais breve, do que se podia presumir; quando assaltada a Senhora Infanta D. Mariana de humas fataes bexigas, depois de as soffrer poucos dias, chegou aos ultimos parocismos da sua vida tão conforme com os Decretos da Providencia, como extremoza com o seu Espozo, a quem deixou em herança a hum mesmo tempo o Filho, e o contagio da pestifera enfermidade, na qual o Senhor Infante D. Gabriel cahio poucos dias posthumos ao falecimento da sua Espoza, e a respeito de cujo amor, e fidelidade conjugaes he notavel o lance seguinte. Proximo á morte o Serenissimo Enfermo á violencia tambem das crueis bexigas, e advertido pelo seu Medico assistente, o Fizico Mór dos Reis Catholicos, D. Francisco Sobral, de que estava proximo o seu ultimo fim, o Senhor Infante D. Ga-



briel tão seguro na Religião, como fino no amor conjugal, premiou o Professor com hum sumptuozoz presente em reconhecimento da noticia e certeza, que lhe dava, de hir com tanta brevidade, gozar no osculo Divino da Santa Paz do Senhor, unido á sua Esposa por toda a Eternidade. Este facto, que se fez tão notavel como publico por toda a Hespanha, ainda quando o Auctor d'este Elogio foi mandado áquella Capital em 1798, estava tão recente e plauzível entre os Nacionaes, que o ouviu sem alteração referir a todos os Grandes da mesma Corte.

Continuou o Serenissimo Senhor Infante D. Pedro Carlos a sua Puericia, athe que commovida Sua Avó a Rainha Fidelissima N. S. a Senhora D. MARIA I. da Innocencia e orfandade de seu Neto Augusto, se resolveo a tratar com os Reis Catholicos a sua vinda para Portugal; e com effeito, não obstantes os lances, e incidentes, que regularmente costumão atravessar, e servir de obstaculos a emprezas taes; no mez de Novembro de 1790 sahio de Madrid o Senhor Infante D. Pedro Carlos, entregue á sua Aia a Marqueza de Castelfuerte, a quem acompanhava o Reverendo Padre Marini, Escolapio, Mestre e Confessor de S. A., além de outros mais criados de differentes e competentes foros. Sahira de Lisboa no mesmo tempo nomeado para Conductor de S. A. S., o Marquez de Marialva D. Diogo José Vito de Menezes, Estribeiro Mór, Gentil-homem da Camera da Rainha Fidelissima, e Tenente General dos seus Exercitos: Fidalgo de tão insignes qualidades e virtudes, que o fazião maior que seu Nome, e o realçavão sobre a sua geração, e linhage, de cuja aliança se ufanão hoje as maiores Cazas do Reino, e cujo actual Descendente, e Representante inclito o Marquez do mesmo Titulo faz as delicias

1293



de todos os que o conhecem a fundo, apesar da sua triste sorte, e retenção em Pariz; mas o oiro passado no fogo pelo crizol, sabe mais puro.

Chegando o Senhor Infante ao Caia, cujas margens fazem a antiga divizão entre Portugal e Hespanha, alli o recebera o Marquez Conductor com aquelle esplendor, e magnificencia, que erão competentes ao Principe conduzido, e aos Soberanos, que lhe determinarão a conducção. Aqui não pôde o auctor eximir-se de reflectir n'huma circumstancia e em hum dicto do Senhor D. Pedro Carlos, que na idade de trez annos, e cinco mezes, que tinha, vaticinava bem a sua futura perspicacia, e penetração. No acto da recepção, e entrega que a Marquiza de Castelfuerte fizera da Pessoa do Senhor Infante ao Marquez de Marialva, depois de feitas as acções da etiqueta e de estilo, e acabado o Solemne beijamão, voltando-se o Senhor Infante para a Sua Marquiza Aia, apoiando-se sobre o joelhos d'ella, e segurando-lhe nos vestidos, rompeo n'estas palavras, e pergunta "Que hombre es este tan doráo?" Alludia o Augusto Menino ao uniforme grande de Tenente General; e á figura bizarra, e garboza do seu novo Conductor; que a este Fidalgo athe a Natureza repartira com mão larga os seus dotes! Continuando a jornada o Senhor Infante para Lisboa chegou á Villa de Aldeia Galega, aonde embarcando foi esperado, e recebido por Sua Augusta Avó, que o fora buscar ás vizinhas d'aquelle Porto; e desembarcando a final no Caes de Belém a 5 de Dezembro do referido anno, desde este dia entrou S. A. S. o Senhor Infante D. Pedro Carlos a ser as delicias de Sua Magestade ( que não he novo sê-lo hum Theodozio de huma Pulcheria Augusta ) nexo e embelezamento de toda a Real Fa-



milia. Não se pôde negar, que o Senhor Infante fora sempre, athe na ordem natural, predestinado por Deos Nosso Senhor por altos fins da Sua Providencia. Ninguem dirá, que S. A. S. não seria mui bem educado em Hespanha, pois esta Augusta Caza mostrou com evidencia a arte, e talentos que tinha para o fazer na educação que deo á Nossa Excelsa Princeza Reinante, e a Seu Irmão o Senhor D. Fernando VII.; além de que o mesmo Mestre que o ensinou em Portugal lhe daria em Hespanha a mesma prodigioza educação, que S. A. alli recebera. Com tudo não se pôde negar, que por maior que fosse o amor, que seus Tios os Reis Catholicos lhe tivessem, nada podia entrar em comparação com o de Sua Augusta Avó; que para arreigar no Neto Augusto, sem rezistencia, toda a virtude, e grandeza propria de Seu Coração Magnanimo, o entregou a Seu Filho o PRINCIPE REGENTE Nosso SENHOR, sem reserva, nem restricção alguma, para que S. A. R. principiasse, e promovesse a educação de Seu Sobrinho como o Seu proprio Coração Augusto muito lhe ditasse, e propozesse. Ora pois, eis-aqui a felicidade, e como o embrião de todas as virtudes que crecerão no do Senhor D. Pedro Carlos, com a mesma proporção com que crecia no Corpo e na idade. D'este momento por diante S. A. R. parecia esquecer-se de Si para cuidar só no Sobrinho. Via-se hum phenomeno notavel, e era que o PRINCIPE REGENTE Nosso SENHOR poucos annos depois de empregar no Senhor Infante todos os seus cuidados, e desvelos, entrou felizmente a contar tantos Filhos, quantos são os que hoje formão, e estabelecem a segurança, e baze da Monarchia Portugueza, não só no avultado numero, como tambem nas singulares condições, e indoles com que a

L 3  
22  
25



Natureza os tem enriquecido, e a Religião aperfeiçoado; mas assim mesmo nem por isso com as novas obrigações que pela educação dos Filhos lhe resultavão ou se esqueceo ou afrouxou na do Sobrinho. He verdade, que não podia esconder-se-lhe a alta, e relevante condição da Coadjutora insigne que para isso tinha na Sua Augusta Prima e Consorte a Senhora D. Carlota Joaquina, cuja perspicacia, e notavel comprehensão tendo por bazes huma actividade incansavel, e hum zelo o mais discreto, affiançavão a prodigioza educação que a todos os Senhoritos tem dado, e vai proseguindo. Mas por isso mesmo o PRINCIPE REGENTE Nesso SENHOR cuidou sempre na educação do Senhor Infante, como se não tevesse mais em que cuidar, ou que dispor. Nomeou-lhe os differentes Mestres para os seus estudos competentes com aquella selecção e acerto, a que o conduz em tudo o seu espirito illustrado, incapaz de dominar-se de resabios, prejuizos, e abuzos.

Tendo por fiador de conseguir no Sobrinho tudo quanto d'elle pertendia o primeiro Mestre, que de Hespanha o acompanhara, o Reverendo Padre Marini, vivia S. A. R. certo de que a quanto chegasse a perspicacia, e penetração do Senhor D. Pedro Carlos, tinha n'este grande homem o maior garante, e cooperador incansavel. Este famoso Escolapio, não só ensinava o Discipulo, se não que estudava com Elle: e depois de exercitar com o Senhor Infante, já na idade de adulto, todo o seu zelo, sempre com moderação, suavidade, e doçura, extendia a sua vigilancia sobre os mais Professores seus collegas no magisterio d'este Principe, levando-os com destreza e politica a tomarem todos elles o verdadeiro interesse no adiantamento do Dis-



cipulo. Com tudo, deve escrever-se por credito do sujeito, e em abono da verdade, ( pois que muitas vezes o observou quem escreve ) que o amor ás letras, e sobre tudo a vontade constante, e actual de estar sempre applicado, he certo que o deveo o Senhor Infante a Deos e a si; mas tambem o deveo em muita parte ao grande Padre Marini, o qual por via de regra, quando se não empregava em objectos de que o incumbisse Authoridade Superior, ninguem o acharia senão applicado, porque por natureza, e por genio era inimigo do ocio. D'este Sacerdote pois he de quem mais se confiava na educação do Sobrinho o PRINCIPE Nosso SENHOR. Seguiu-se daqui, que passadas as primeiras letras, Grammatica, Rhetorica, e o que geralmente se chamão Humanidades, ( em que o Senhor Infante era plenamente instruido ) bebeo a Filozofia Racional, e Experimental, a Mathematica, ainda que por differente Professor, a Historia, Jurisprudencia ( pois que o Padre Marini athe era hum optimo Jurisconsulto, Estudos em que o Clero Hespanhol he mui frequente, e habil ) as Artes liberaes, e athe mesmo os Officios mechanicos, porque era em todos tão previsto e experimentado, como se fosse hum perfeito Artifice. Assistido de huma Memoria prodigioza, sabia os nomes facultativos de tudo; na Nautica, como se fosse o Official provector assim theorico, como pratico, derrotas, rumos, nomes, uzos de cordame, velame, insignias, instrumentos, em fim tudo quanto era necessario na navegação, tudo lhe era prezente. A bordo da grande Náo Principe Real, em que passou para a America ao lado de Sua Augusta Avó e Tio, examinou-se a Si muitas vezes, e aos Officiaes embarcados, repetindo-lhes de cór todas os innumeraveis nomes, e noções nauticas, af-

L 2 3  
2 2 3



fectando de diversão de Espirito, e como passatempo aquillo que era applicação sizuda.

Acabando-lhe muito cedo o fogo da mocidade, parecia hum consumado ancião, mas com tal equilibrio, que nem a madurezã o fazia pezado, nem o agrado e urbanidade facil. Daqui procedia a adheção intima a toda a Augusta Caza Real Portugueza, porque tendo a todos os Senhores d'ella ou por Companheiros na educação, ou por Prototipos e Mestres no exemplo e na doutrina, respeitava-os com amor, e amava-os com submissão. Sendo estes os Seus geraes Sentimentos com esta Augusta Caza, era por extremo singular com Seu Tio o PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR, a quem amava como Pai, imitava como Exemplar, e Modelo, e passava a adorallo não só como Soberano, mas como hum Deos na terra: e esta era a cauza de parecer na Prezença de S. A. R. mais acanhado, que submisso, dando assim lugar a ter-se por cobardia o que era sómente amor filial, e obediencia cega á Dignidade Augusta de Supremo Imperante. Do primeiro sirva de prova o successo seguinte. Ficara o Senhor Infante D. Pedro Carlos, como Representante de Seu Pai, herdeiro, e Senhor de humma grossa Caza em Hespanha, que posta em administração, pela sua auzencia recahião em capital os seus grandes rendimentos. Desde o anno de 1790 athe 1806, crescerão em augmento dos fundos d'esta grande Caza, muitos milhões, por ser maior de hum a renda annual d'ella. No anno referido fora convidado o Senhor Infante a que fosse tomar posse da administração da Sua Caza, athe para evitar o risco de cahir na cominação da Lei Patria de Hespanha, de perder a Caza quem por estar fóra do Reino não hia tomar posse d'ella. Sofreo em silencio o Senhor



Infante o avizo ( que tinha mais de invectiva ; que de convite ; ) e sem o dar a saber a Seu Tio o Nosso PRINCIPE REGENTE , pelo não dissaborear , escreveu a Hespanha dizendo : " Que elle não deixava a Seu Amado Tio , pelo pouco tempo mesmo da Sua precisa separação para aquelle fim ; e que quando fosse ávante a ameaça fundada na Lei , e na Pragmatica , elle estimava em muito ter aquella occasião , para dar hum testemunho decizivo da adhezão , e amor filial que lhe consagrava ; ficando-lhe por aquelle motivo muito mais grato receber de Seu Tio o tratamento , e sustento diários , do que se fosse para Hespanha occupar o Seu Trono " Da obediencia cega , e respeito á Dignidade Real he testemunho nada equívoco , que o Senhor Infante , por mais que Seu Tio o instasse a declarar-lhe a sua vontade , ou parecer em qualquer ponto ou materia , nunca foi possível conseguillo ; e conversando familiarmente com pessoa da sua confiança , que mostrou desaprovejar a sua rezistencia , ainda que com submissão e polidez , respondeo-lhe S. A. S. " Que nunca seria do seu voto , nem jámais o praticaria , ligar a Vontade e Parecer de Seu Augusto Tio ao proprio dictame , quando devia amoldar-se em tudo ao de S. A. R. , a quem tinha por Modelo , e ouvia como a Oraculo. " Mas o Senhor Infante D. Pedro Carlos nada perdia com Seu Augusto Tio : e bem que largasse os Tios Paternos de Hespanha , a Caça que Seu Pai lhe deixara , e se sugeitasse na companhia da Real Caça de Bragança aos tristes revêzes de huma revolução furioza ; assim mesmo no que parecia desgraça , foi feliz , recebendo da Mão de Seu Tio o PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR o maior penhor que este Senhor lhe podia dar , argumento da Sua



Ternura, prova constante da Sua Amizade e carinho. No conceito commum, e geral estimação; tivesse S. A. S. o Senhor Infante D. Pedro Carlos hum Trono por herança, e fosse ornado (como na realidade o era) de todos os dotes da Natureza e riquezas da Arte adquiridas pelas suas muitas luzes, e grandes talentos que tinha; a não possuir o Coração de Seu Augusto Tio, manancial fecundo d'onde lhe fluia o amor de ternura, e de extrema benevolencia, com que S. A. R. o distinguia, como se fosse o mais antigo dos Seus Filhos, nada o faria digno de receber a Mão de Esposa da Sua Primogenita Augusta (vencendo para isso tantas contradições), Delicias do Seu Coração saudozo, e unica capaz de adogar-lhe a ferida que lhe abrio a falta do suspirado Sobrinho, e Genro. Mas que scena tão dolorosa se vem a abrir ao meu espirito, depois de tantas e tão cheias de esplendor e Magestade, em que o Senhor D. Pedro Carlos acabava de representar, não já como Infante Estrangeiro, mas como hum Principe Nacional, pelo amor veneração e respeito que a Nação toda lhe tributava! Qual foi athe agora o Principe Estrangeiro que em qualquer outra Nação tivesse trez dias tão cheios de gloria, como os que teve o meu Heróe no breve periodo da Sua vida? Que trez dias tão magnificos forão o dia 13 de Maio de 1810, quando contrahio os doces Esponsaes com a Princeza mais bella, que nestas epocas conheceo o theatro do Universo: o dia 4 de Novembro de 1811, em que Ella deo ao Mundo Novo a primeira Pessoa Real que virão as trez partes do Globo para áquem da Equinocial: o dia 17 de Dezembro seguinte em que a Santa Igreja lhe pôz o Nome de Sebastião, ensaiando-o assim a poder vir a ser a maior Testa Coroada de toda



a terra ! Mas tudo isto foi fumo que desapareceo ao Sopro do Altissimo , á exceição do novo recém-nascido Principe , e dos dezignios inexcrutaveis que a Providencia adoravel tiver constituido nelle ! Foi fumo a vida do Pai falecido ! Forão fumo todas as honras temporaes , que desde o berço o seguirão ! Que S. A. R. o PRINCIPE REGENTE Nosso SENHOR o revestisse de todas as Insignes Ordens Militares : Que o fizesse e declarasse Almirante General das Suas Armadas ; Que lhe applicasse hum pingue e generozo Soldo , Servindo junto á Sua Real Pessoa , sem mediação de outra qualquer Authoridade por maior que ella fosse ; tudo isto qualificou , sim , e muito , a S. A. S. ; mas tudo isto forão relampagos , que ferirão e acabarão ; estampidos , que soarão e desaparecerão ; flores , que quando nos preparavamos para as gozarmos , murcharão ; ficando o Filho Augusto para estímulo poderozo da mais incessante e aguda saudade ! Quantas vezes o pintará ella nas imaginações do Tio , e da Esposa ? Quantas o fará lembrar , pulando em saltos o coração saudozo , em que só a Religião tem forças a consolar na firme persuasão , e pia crença do seu eterno descanso ! Ninguém melhor que S. A. R. lhe conhecia o mericimento. O PRINCIPE REGENTE Nosso SENHOR sabe que tem havido na Monarchia Portuguesa Principes estudiozos e sabios. Ainda se ufanão as Sciencias Fisicas , a Methematica , e a Nautica de terem possuido em Portugal hum Infante D. Luiz ; hum Infante D. Henrique ; hum Principe D. Theodozio ; outro Principe o Senhor D. José : mas sem fallar em Principes Imperantes , talvez que nenhum chegasse nem ácomprehenção , nem aos conhecimentos do Serenissimo Senhor D. Pedro Carlos. Baste dizer , que raro seria o dia em que deixasse de em-



pregar em estudo humas poucas de horas : parecia que para aproveitar o tempo, não perdia instante em que não lesse, principalmente aquelles que lhe ficavão sobejos das suas obrigações, ou de acompanhar a Seu Augusto Tio : familiar com a sua grande Livraria, tinha de cór a maior parte dos Authores que a compunhão. Em qualquer duvida, ou questão litteraria, que se excitasse, a sua extraordinaria memoria local lhe fazia designar com a mão o tomo do author, que trazia, e confirmava a decizão, que se lhe tinha ouvido. Succedia por isso, que o seu apetecido, e familiar commercio, e communicagão, era, pela maior parte, com sujeitos litterarios, a quem ouvia com attenção, e seguia docil o parecer.

Que se dirá das suas virtudes sobrenaturaes, e theologicas; unicos bens que não murchão, e nem o tempo domina? Sendo tudo para todos, ninguem buscava a S. A. S. ou em afflicção ou em penuria, que não achasse azilo, remedio, e consolação. Quando succedia de cara a cara pedir-se-lhe esmola, ou na entrada dos Templos, ou no seu Quarto em Palacio, ou no passeio da Chacra; conhecendo pelo facto a moeda na algibeira ( que nunca era limitada) dáva-a nos passos com que se separava, para não ouvir as vozes da gratidão. O seu Reverendissimo Confessor, o seu Camarista, Guarda-roupa, e Criados Particulares, que erão outros tantos esmoleres que tinha, poderão attestar as copiozas esmolos, e pensões, que na roda do anno distribuião por Sua Ordem a familias necessitadas, além dos auxilios que dava aos seus familiares, impondo a todos a obrigação rigorosa do segredo, e do disfarce. Não he hyperbole afirmar, que consumia n'este ramo humma grande parte da sua renda; ao menos esta he



a voz surda que reina em toda esta Capital, que mais vigorosa se ouvia entre soluços e lagrimas durante o oitavario do seu nojo. Volvendo sempre no seu interior as lembranças e desejos da sua Salvação conservou exacto o respeito, e acatamento ás coizas Sagradas, virtude que Seu Augusto Tio soubera gravar-lhe no Coração. Dizendo-se sempre diariamente Missa no Seu Oratorio, certo nas indulgencias do thezouro da Igreja, para as lucrar não consentia que ninguém lhe ajudasse a ella; era S. A. S. o proprio Acolitho do seu Capellão: devoção que athe agora só se observou em Luiz IX. de França, e no Soberano Duque de Bohemia Vencesláo, quando com as proprias mãos semeava o trigo, e trabalhava as uvas, que devião dar a materia remota para o Sacrificio incruento, aos quaes a Igreja collocou sobre os seus Altares; tanta era a sinezudeza tambem da Religião, e crença do meu Heróe! Para não degenerar da semelhança que sempre queria ter com Seu Augusto e Religiozo Tio, e seguir a devoção hereditaria na Casa de Bragança, quando recebia os Sacramentos da Igreja, em que era frequente, principalmente na recepção da Santissima Eucharistia, ou fosse publicamente na noite de Natal com toda a Augusta Familia na Real Capela, ou no seu Oratorio privado, era notoria, e edificante a submissão e tremor Santo com que commungava. Antes de mudar de estado, depois de o tomar com Sua Augusta Serenissima Prima a Senhora D. Maria Thereza de Bragança, a quem amou sempre com respeito antes do consorcio, e com extremo depois que o contrahio, ninguém foi mais modesto que o Senhor Infante D. Pedro Carlos. Recatado sempre nas suas palavras, gestos, e conversações, ninguém guardou maior decóro, e honesti-

2213



dade : fructo da Benção Augusta, que a Fidelissima RAINHA NOSSA SENHORA a Senhora D. MARIA I. derramou em toda a Sua Geração e Descendencia ! Diga-se para Sua gloria, e immortal credito, ser tal a educação que Sua Magistade deo a Seus Filhos e Netos, que em todo o mundo não ha outra Caza Real, nem tão sizuda em seus procedimentos, nem tão cheia de decóro e authoridade. He por isso, que acclamada por todas as Potencias, nenhuma deixa de respeitar, e annuir aos sentimentos da pro-  
 vecta Mãi Augusta da Caza Real de Portugal, Manancial e Fonte de todas as virtudes : que nem só os seculos primitivos do Christianismo contarão Heroínas Coroadas ; tambem os nossos possuem na Real Caza de Bragança as suas Helenas, e Pulcherias Augustas.

Estava porém decretado o termo da vida, a que devia chegar o Serenissimo Senhor D. Pedro Carlos de Burbon e Bragança ; e de 25 annos. menos 23 dias concluiu a sua carreira no fatal dia 26 de Maio de 1812. Adoecendo a 22 do mesmo mez á força de hum violento estupor, que em varias repetições o acabrunhou, e extinguiu, teve por especial auxilio de Deos, por meio de competentes remedios, o curto intervallo de poucas horas de plena reflexão e advertencia, necessarias a receber o conforto dos Sacramentos todos da Igreja, o que fez com a sua costumada devoção, e acatamento ; e parecendo na melhora repentina, que podia fundar algumas esperanças de rezistir ao mal, brevemente se desvanecerão, conhecendo-se que fora tudo hum permissão Divina, para que o Senhor Infante conseguisse as forças espirituaes para supportar o ultimo conflicto da morte, que lhe servio de porta para a glorioza Eternidade ; proferindo S. A. S. á entrada as palavras que o Espirito Santo inspirou



a Izaias : " Quando a penas me hia desenvolvendo , cortou-me o Altissimo pela raiz " (\*)

O Commercio intimo do Tio Augusto o PRINCIPE REGENTE Nosso SENHOR com o Sobrinho , e Genro amado , o Serenissimo Senhor Infante D. Pedro Carlos , mantido por mais de vinte annos successivos , sem interpolação nem intervallo , prometia a sensação violenta que lhe faria esta morte ; e em conflictos indeliberados entre a Religião e a Natureza crescia juntamente a saudade do Sobrinho , assim como a confiança em Deos Nosso Senhor do seu eterno descango. Falecendo o Senhor Infante na Real Chacra de S. Christovão , huma legua distante da Capital do Rio de Janeiro , aonde cahira enfermo no dia referido , passou alli o PRINCIPE REGENTE Nosso SENHOR os primeiros trez dias do encerro , e nojo , em que o Falecido estivera depositado na Capela da Chacra , recebendo no III. dia as primeiras honras funeraes da Capela Real , e das mais Corporações Eccleziasticas Seculares , e Regulares do paiz , passou S. A. R. os ditos trez dias , rezignado , sim , com os Decretos do Altissimo , mas sensivel tambem ás Leis da Natureza ; porque Jezu Christo , quando veio ao mundo , não veio destruir , como elle diz no Evangelho , a Lei natural , mas aperfeigoo-la , e restabelece-la , livre de abuzos e defeitos ; porque o sentir he proprio no homem , e o sofrer rezignado no Christão.

No fim do Triduo ordenou-se o Enterro Augusto , fazendo S. A. R. conduzilla ao Convento de Santo Antonio , do Instituto Serafico , collocado no alto do sitio da Carioca , hum dos melhores districtos da Capital , seguido da Tropa toda , da Cor-

---

(\*) Dum adhuc ordire succidit me. Isa. cap. 38.



te, Officiaes da Caza Real, Clero, e Real Capela, a que se seguia o Corpo, precedido de dous Coches ricamente enlutados, e o ultimo de Estado na mesma condigão e fórma; e tudo com tal sump-tuosidade, e magnificencia, como nunca se vio em toda a America, e talvez na Europa nunca fosse excedido. Apesar da inclemencia da Estação, por ser Inverno, e das copiozas chuvas d'esse dia e noite, era tal o respeito, e inclinação que havia ao Serenissimo Falecido, que nunca se perdeu a ordem no decurso do Enterro; e na distancia de humna legoa, em que o Acompanhamento marchou, athe chegar ao depozito, não houve a mais pequena alteração, precipitação, ou dezastré. No dia competente fizeram-se em Santo Antonio as costumadas Exequias, ficando o Real Cadaver depozitado n'huma Capela do Claustro, parecendo esperar novo destino. No dia trigesimo Ordenou S. A. R. o PRINCIPE REGENTE Nosso SENHOR as Suas Augustas Exequias na Sua Real Capela, com Officio, e Pontifical, que celebrou o Excellentissimo e Reverendissimo Prelado Capellão Mór, composta a sonora e pathetica Muzica pelo insigne Mestre dos Senhoritos Portuguezes, e Compozitor egregio da Real Capela, Marcos de Portugal, com tanta energia e propriedade, que rara seria a pessoa que se não sentisse commover; e principiando a função pela manhã, acabou pelas cinco horas da tarde; dezejando todos conservar nos corações o Retrato de S. A. S.; devendo-se gravar no que lhe dedica a Nação, ou seja na Europa, ou nas Conquistas, com caracteres indeleveis: " Quando inveniemus parem. "









## E L E G I A

A'

## M O R T E

De S. A. S. o Senhor Infante Almirante General D.  
Pedro Carlos de Burbon e Bragança.



## I.

**O**S denegridos Crépes arrastando  
Aos soluços e pranto abandonada,  
Vai sentida Elegia ao ar bradando.

## II.

Vai aonde nasce a linda madrugada  
Murchar as rozas com que croa o dia,  
Chora a nossa esperança em flor cortada.

## III.

Invoca o fero amante de Orithia,  
E sobre as azas d'este a todo o mundo,  
A nossa dor em gritos anuncia.



## IV.

Desce ao Hebro , ao Dirte furibundo ,  
 Argue-o de cruel ; o nosso Lucto ,  
 The nos Manes excite horror profundo.

## V.

Qual dos Deozes impôs este tributo  
 A' Luzitania , que elles tanto amarão ?  
 Quaes são os nossos votos ? Qual o fructo ?

## VI.

Já d'Affonço as virtudes não bastarão !  
 D'outros Joões pendeo a Luza Gente !  
 E nem por isso as Parcas vacillarão !

## VII.

Vós , que na idade mais resplandecente ,  
 O' Theodozio , O' José , a Estigia vistes ,  
 Vós preparastes nosso mal presente.

## VIII.

Porque tão cedo , ó Principes , fugistes  
 Calcando o Sceptro , as Lanças , os Arnezes ,  
 E com Pedro no Lethes vos sumistes ?

## IX.

Athe quando , infelices Portuguezes ,  
 Se ha de occupar a Muza enternecida  
 D'este assumpto chorado tantas vezes ?



## X.

Mas que nuvem lá rompe denegrida !  
 Que trovão nos atroa estrepitoso !  
 Eis-me , ó Parca : mas poupa aquella vida.

## XI.

Ai de nós ! Pedro Carlos piedoso  
 He a quem busca o Ceo inexoravel !  
 Oh morte ! oh morte ! oh golpe rigoroso !

## XII.

Gela o terror ao Povo inconsolavel :  
 Cede o silencio ao lugubre alarido :  
 E aos Ceos sóbe hum ecco lamentavel.

## XIII.

Qual do Epidauro o Templo fementido  
 Afoito arrazaria se pudéra ;  
 Qual com a morte luctara embravecido.

## XIV.

O pezar em excessos degenera :  
 Contra tudo , e com todos se enfurece ,  
 A dor viva , que Leis não considera.

## XV.

Eu . ( que n'alma a esperança me esmurece ; )  
 Dos meus proprios pezares nada vejo ,  
 Só vejo o Tio , e a Esposa que padece !

## XVI.

Hum caducêo benigno só desejo,  
E o poder de abrandar-lhes grandes penas  
He dos cargos honrosos, quanto vejo.

## XVII.

Mas tu, dura etiqueta, tu condemnas  
Quanto inspira a suave humanidade,  
Sem alterar as condições terrenas.

## XVIII.

Geme a lisonja, geme a sã verdade,  
Huns, e outros gemidos equivocás,  
Confundes o interesse, com a amizade.

## XIX.

Em meus olhos verás lagrimas poucas,  
Que não sei dissolver nesses chuveiros,  
Pezares grandes, que em ligeiros trocas.

## XX.

Brádem lá os ruidosos Lisongeiros,  
Que eu junto a minha voz á voz do Povo,  
E misturo os meus ais com os verdadeiros.

## XXI.

Levanto as mãos ao Ceo, Infante Novo:  
E para consolar a Patria afflicta,  
A apagada esperança lhe renovo,  
Vendo em Ti o de que ella necessita!



## XXII.

Vejo hum Sebastião , que o novo Imperio  
Fundando , lhe promete a maior dita ,  
Que nunca conseguiu outro Hemisferio !

## XXIII.

He João Sexto , que o felicita ,  
O qual da Regia Mãi herdando a gloria ,  
Communicar-lha toda he o que medita !

## XXIV.

E para immortal ser Sua Memoria  
No Quadro comprehendendo as Mães Augustas ,  
De seus Avós coroará a Historia ,  
Suas grandes virtudes , e almas justas.

F I M.

XXIX

XXIX

XXIX

XXIX

XXIX

XXIX



XXIX

XXIX

XXIX

XXIX